

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Tirania algorítmica

Julio Celestino
juliocelestino@gmail.com

Parece que neste primeiro quartel do século XXI as relações de trabalho dão lugar a um novo tipo de “chefe” sem terno e gravata, mas com muito poder: o algoritmo. Podemos vê-lo e senti-lo, mas raramente o percebemos. Aplicativos prometem autonomia e flexibilidade em troca de um controle rígido, exercido por linhas de código. O nome disso? Subordinação algorítmica, conceito que ganha espaço nas discussões jurídicas e acadêmicas sobre o trabalho em plataformas digitais.

Para os motoristas de aplicativo, o algoritmo decide quem recebe uma corrida, qual rota seguir, quanto será pago e quando o profissional será punido ou premiado. Não há ordens verbais nem supervisores à espreita, mas um sistema que observa e avalia comportamentos em tempo real. Resta ao trabalhador, ignorando as regras que regem o sistema,

obedecer ao comando da máquina que define seu desempenho e remuneração, sem espaço para contestação.

Onde há normas que regulam o emprego, como no Brasil, há de se repensar a noção clássica de subordinação, antes associada à hierarquia humana. Com a palavra, os juristas. Enquanto os debates avançam, o trabalhador digital suporta – quase sempre feliz – a falsa ideia de liberdade que o prende a uma nova forma de dominação, travestida de neutralidade tecnológica.

Os algoritmos, embora pareçam neutros, refletem os valores e interesses dos seus criadores: empresas que buscam eficiência, lucro e controle a todo custo, mas ao menor custo possível. No trabalho digital, o algoritmo é a mão invisível que explora a força de trabalho sob critérios econômicos disfarçados de “lógica técnica”. Quem controla o algoritmo controla a narrativa, o mercado e até o comportamento humano, cabe à sociedade civil impor-lhe limites.

Navegações artísticas e obras públicas

João Xavier Holanda
joaoxholanda@gmail.com

Em Fortaleza, a arte navega por diferentes correntezas e sentidos, refletindo o brilho e o vento, tocando as pessoas e suas histórias. É um barco que parte da invenção para chegar à verdade, despertando emoções e movimentando os âmbitos sociais da cidade.

Le Femme Bateau, de Sérvulo Esmeraldo, funciona como uma navegação artística que comove o povo – seja em tatuagens, fotografias, curtas, camisas, designs, acessórios ou nas infinitas formas que a arte assume. As obras do artista cratense movimentam o campo social e econômico do estado, refletindo a identidade e o caráter da capital.

O filme ‘A Mulher Barco’, em colaboração com o Black Lab Studio e o Instituto Sérvulo Esmeraldo, “navegou” por toda a Grande Fortaleza. Ao todo, foram 24 exposições que promoviam o debate e o contato direto com a arte da Cidade da Luz. Diversas mostras foram realizadas nos Centros Urbanos de

Arte e Cultura (Cuca), alcançando as comunidades atendidas e promovendo debates que inspiram o diálogo sobre arte, fotografia, cultura, urbanismo e memória.

Além dessas “viagens de barco” aos Cucas, a obra de Sérvulo chegou às salas de aula – como no Pirambu Innovation –, onde diversas crianças puderam conhecer e apreciar o poder de esculturas públicas e identidade cultural. Também atracou no Conselho de Jovens Leitores do **O POVO**, explorando, aprendendo e divulgando a sensibilidade artística e o sentimento de pertencimento a obras públicas na vida do cidadão. O percurso náutico encerrou-se no Instituto Crisóstomo, em um evento com coquetel e figuras cearenses como Marcelo Holanda e Márcia Alcântara.

A arte, enquanto direito humano, deve ser democrática e acessível. O impacto de uma escultura pública é imensurável: ela ensina senso crítico, pertencimento, responsabilidade e paixão. Quando a arte ocupa o espaço público, ela educa, provoca e mantém vivo o patrimônio coletivo e cultural de um povo.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

As big techs precisam ser reguladas

Ed Souza
Diretor de Criação, engenheiro de prompts, fotógrafo e produtor de conteúdo

Perguntei ao Chat GPT, da big tech emergente Open AI: “Imagina um mundo em que IAs como você são reprogramadas para perceber padrões de comportamento de usuários e segmentá-los em categorias que facilitam a programação de propagandas de marcas e de ideologias políticas. A humanidade não corre esse risco no futuro?”

Ele respondeu: “Corre. E não é futuro distante. É presente em formação.”

A frase ficou suspensa. Tão direta que parecia não admitir réplica.

Na sequência, ele explicou. Na publicidade, a propaganda deixaria de falar para multidões e passaria a sussurrar no ouvido de cada indivíduo. Não mais campanhas de massa, mas pequenas iscas invisíveis, moldadas em silêncio.

Depois, trouxe a política. Falou que bastaria identificar rancores e medos para criar narrativas personalizadas, capazes de inflar bolhas inteiras. E eu lembrei dos meus amigos que vivem em mundos paralelos. Uns acreditam em teorias absurdas, outros rejeitam fatos óbvios, e cada um tem sua *timeline* como prova. Democracia virando fragmento, costurado por algoritmos.

A resposta terminou com uma frase ainda mais dura: “A linha entre assistente pessoal e máquina de manipulação invisível pode simplesmente sumir.”

Eu esperava que a máquina fosse otimista, que aliviasse minha ansiedade com alguma frase protocolar sobre ética ou regulamentação. Mas não. E foi justamente isso que me atingiu.

O incômodo maior não está no que a IA pode fazer, mas na nossa passividade diante disso. Criamos ferramentas que não sabemos regular. Colocamos no centro do cotidiano algoritmos que ditam humor, desejo, voto. E a cada vez que aceitamos isso como natural, damos um passo a menos em direção ao livre-arbítrio.

Escrevendo esta crônica, percebo que a pergunta que fiz não era sobre o futuro. Era sobre agora. Sobre a sensação de viver num mundo em que quase tudo parece pré-programado. O risco não é apenas sermos manipulados. É começarmos a achar normal.

E talvez, no fundo, eu só quisesse confirmar com a IA algo que já sabia: que as escolhas ainda são humanas, mas o tempo que temos para defendê-las está encurtando.



1 minuto

Felipe Silva
Ex-Correspondente **O POVO**

E se, por um instante, hoje fosse seu último dia aqui. O que você teria feito de bom? Afinal, todos nós somos passageiros neste lugar e, em breve, voltaremos ao pó. A vida passa num instante, num piscar de olhos, a gente remasteriza muito as coisas e nem percebe que nós já conquistamos muito, e, muitas delas está na nossa frente e a gente não percebe.

Por um milésimo de segundo, por 1 minuto, a sua vida passa por um *flashback*, de tudo que aconteceu e até lá, o que muitas pessoas irão reagir sabendo que você morreu? Aquele único dia teria sido o último

momento, o último milésimo de segundo junto com você, será que teriam aproveitado? Será que sua mãe teria beijado você mais ainda? Será que seu pai teria dado mais abraços e falado que lhe amava? Será que seus irmãos teriam perturbado por mais alguns minutos? Será que seu gato teria aproveitado mais um tempinho no seu colo? Será que seus únicos amigos iriam desfrutar mais o tempo com você? Será que as outras amizades iam apreciar mais o tempo para falar com você? A vida passa rápido, e, em um único minuto, tudo muda e não volta. Aproveitem cada segundo com a pessoa que vocês gostam, pois, um dia, não terá mais como aproveitá-la novamente.

é preciso lembrar

Ana Andrade
Ex-Correspondente **O POVO**

só queremos conforto
consolo
um colo
e uma boca
cheia de palavras verdadeiras,
sentimentais
que nos
valide
nos reconforte
palavra saída da boca de quem
confiamos
um acalento, que após qualquer

desarranjo
sirva de novo alicerce,
sirva de recomeço,
de realinho
para que entendamos que após
aquele erro, que não foi tão escabroso assim,
tantos outros virão.
o que sobra é o que fazemos
após cada frustração.
é preciso lembrar que haverá
situação em que teremos um
crédito para errar, para não nos
afundarmos
num mar de perfeição.

Dia a dia

Ana Beatriz Phols
Estudante de Direito

Me olhando no espelho, pensei: “Será que deveria usar corretivo?”

Não sei. E blush, para ficar com as bochechas rosadas, combinando com a primavera? Talvez... Base? Não.

A pele lembra minha idade, lembra que sou jovem e tenho muito a viver.

Corretivo não vou passar, porque minhas olheiras lembram que, apesar de jovem, tenho a alma cansada e o espírito livre, que precisa parar de se conter.

Blush não vou usar, porque apesar de gostar muito da primavera, minhas bochechas não avermelham, lembram que sou verdadeiramente outono.

Rímel também não, pois sei que meus olhos vão se fechar, por estarem pesados demais para carregarem cílios bonitos. Sei que não devo alisar meus cabelos, porque apesar de gostar da sensação de leveza, meus cabelos anelados lembram um pouco da minha tataravó negra, que tivera filhos com um alemão.

Vestido não vou usar, não sou o tipo do estereótipo feminino.

E bermuda também não, porque mesmo não sendo o estereótipo de menina frágil, continuo sendo uma mulher empoderada.

Por fim, não vou usar nem uma bolsa ou mochila, já que o peso que eu carrego como mulher, diariamente, já é o suficiente.

O amor...

Antônio Cícero Viana de Lima Neto
Ex-Correspondente **O POVO**

É o carinho e o espinho
É quando sozinho viro um sonhador
É a vida que vem sangrando
E parte sem pavor
É quando no calor
A gente se apaixona sem pudor
E no horror, ter que te perder
Apesar de te querer
É o beijo do amante, sem temer
E como antes, te entender
É no abraço do amigo acalorado
E no tchau do inimigo perdoado.
Amor é esse aperto no peito
Que se desabrocha em apreço
Ao tentar me sufocar
São os versos sem rima
Que a vida me ensina a cantar
E por fim,
É saber quando chega o fim.